



Turner, D. (eds.) (2021). *Social Work and Covid-19: Lessons for Education and Practice*. Critical Publishing Lda. ISBN: 9781913453619.

“Social Work and Covid-19: Lessons for Education and Practice” é um livro editado em 2021 pela Critical Publishing em Inglaterra, tendo sido utilizada para esta apresentação a edição do Kindle. As razões da escolha deste livro prendem-se com a pertinência e a atualidade do tema abordado, mas também pelo facto de dar voz a uma diversidade de autores dos diferentes capítulos,

permitindo uma visão plural da pandemia. Os contributos para este livro são de académicos, mas também profissionais, estudantes e utilizadores dos serviços, oferecendo diferentes perspetivas e reflexões para o Serviço Social. Denise Turner, assistente social, académica e investigadora em Inglaterra é a editora do livro que reúne investigações, práticas profissionais e relatos de experiências durante o período da pandemia Covid-19. O livro procura descrever a perspetiva de viver e trabalhar durante o período Covid-19, partindo desta análise para questionar aspetos particulares da educação e da prática em Serviço Social.

Na introdução, a editora salienta que a pandemia originou um momento de crise global tendo o Serviço Social ocupado uma posição fundamental, o que constitui um momento histórico para explorar questões relacionadas com a educação e a prática.

No capítulo I, a Dra. Amanda Taylor-Beswick discute a educação digital, métodos e práticas, focando-se nas implicações éticas da Covid-19. A pandemia forçou o Serviço Social a encontrar alternativas digitais à relação face a face o que levou à identificação de alguns problemas, nomeadamente falta de conhecimento digital, liderança digital e financiamento.

A autora descreve como particularmente relevante a natureza problemática da aceitação e adoção da tecnologia, dificultada pela má gestão das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no terreno. Associados a estes factos, pode acrescentar-se uma falta de atenção na altura da pré-pandemia às TIC e à digitalização na educação em Serviço Social, criando um desfasamento nas competências digitais e no desenvolvimento digital na profissão. O facto de a intervenção ocorrer predominantemente num contexto presencial, de relação face-a-face desvalorizou a importância das tecnologias na implementação da prática, assim

como o seu ensino, não estando associado ao desenvolvimento do conhecimento profissional ou competências (Taylor, 2017 e Taylor-Beswick, 2019). São distinguidos 3 períodos no Serviço Social digital, considerando o período pré-pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia.

A atual crise global sublinhou as consequências da falta de um avanço digital em Serviço Social, sendo que a urgência para responder à pandemia ofereceu uma pequena oportunidade para o desenvolvimento digital. A autora refere que, apesar deste desfasamento, já nos anos 70 do século XX se assistiu a alguma preocupação no desenvolvimento daquilo que designa como “consciência sociotécnica, habilidades digitais e práticas” (p.24). Apoiando-se na perspectiva de Garrett (2005), defende que o ponto de viragem eletrónico para o Serviço Social ocorre muito antes do século XXI. Não pode, no entanto, considerar-se que é um uso sem risco, podendo converter-se em diferentes formas de opressão. Mas a autora conclui que o Serviço Social está bem posicionado para responder a estas questões, tendo a responsabilidade de resistir às diferentes formas digitais de discriminação e opressão. No futuro, os métodos digitais continuarão a ser fundamentais para a continuidade da prática, exigindo uma maior atenção ao futuro digital, “mas também às implicações do digital no futuro coletivo, de modo a que a integridade e a eficácia da profissão assim com o valor da humanidade possa ser preservado” (p.28).

No capítulo 2, é discutida a experiência de trabalho com crianças e a sua proteção em tempos de pandemia. As questões digitais são analisadas na perspectiva da prática, questionando o impacto da pandemia em problemas que já existiam previamente, nomeadamente doença mental parental, violência doméstica e abuso de substâncias, exacerbados pelo fecho das escolas e pelo isolamento social. As autoras referem os dados da UNICEF (2020) que apontam que durante a pandemia os riscos na proteção à criança aumentaram substancialmente, tendo em conta os impactos socioeconómicos no controlo e prevenção das medidas. Os procedimentos na proteção à criança envolvem uma monitorização próxima na forma de contactos face-a-face, de forma regular e numa diversidade de ambientes, incluindo a escola e a morada da família, o que se tornou impossível com as medidas de restrição tomadas durante a pandemia. O próprio ambiente de trabalho em equipa foi afetado, tornando quase impossível as discussões de casos informais e o apoio entre colegas. Por outro lado, a dificuldade de avaliar o risco adequadamente, sem o contacto presencial, apoiando-se nos contactos telefónicos e videochamadas para construir a relação com as famílias. (...)

Se, por um lado, foram identificados benefícios no trabalho à distância, nomeadamente a flexibilidade no horário, poupança de tempo e dinheiro nas deslocações e a habilidade de influenciar o ambiente de trabalho, há também desvantagens, a dificuldade em separar o

trabalho e a vida pessoal e familiar e a possibilidade de ter de partilhar a casa, enquanto espaço de trabalho, com outros membros da família, inclusivamente com risco de perda de confidencialidade. O aumento do número de reuniões pode favorecer a exaustão, denominada “fadiga Zoom” (p.39), o que aliado ao facto de não existirem intervalos entre essas mesmas reuniões não favorece a reflexão, formulação de novas hipóteses de trabalho e tomada em consideração de ações que deveriam ser implementadas. As emoções como a empatia e a compaixão podem ser mais difíceis no trabalho de forma remota, tendo em conta a forma como nos posicionamos nesses encontros. É fundamental que a equipa encontre espaços de reflexão e de suporte mútuo, através de grupos de WhatsApp ou outros, possibilitando que estes “espaços de pensamento partilhado” (p.41) constituam momentos de apoio mútuo, mas também de desenvolvimento de práticas inovadoras, sendo fundamental que a tecnologia deve ser incorporada na prática do assistente social.

No capítulo 3, o Dr. Kish Bhatti-Sinclair analisa os resultados de um estudo sobre o impacto da pandemia Covid-19 nos serviços para refugiados não acompanhados e crianças e jovens requerentes de asilo. O autor realça que a pandemia intensificou as experiências de desigualdade, através do relato de experiências de refugiados e crianças e jovens requerentes de asilo, focando-se no que designa como a combinação única das circunstâncias e os fatores legais e culturais. Durante este período, as crianças refugiadas tiveram menos direitos e menos acesso aos serviços públicos, e pressões económicas e sociais que criaram situações de insegurança e deportação. O estudo foi conduzido com recurso ao Serviço Social de caso com enfoque no acesso aos serviços. Os dados apontam que as crianças foram excessivamente questionadas durante este período, frequentemente desacreditadas e o seu superior interesse não foi assegurado, tendo sido criadas situações de isolamento, solidão, negligência e abuso, tornando-se mais vulneráveis ao alojamento desadequado ou mesmo à condição de sem-abrigo. A probabilidade de ocorrer uma intervenção adequada à situação foi menor, o que levou igualmente à constatação de que a intervenção não deve ser assente num quadro de voluntariado ou sem suporte governamental. Em última análise, a falha dos serviços no apoio a estas crianças deve ser vista como uma violação dos direitos humanos (p.54).

No capítulo 4, o Dr. Prospera Tedam apresenta dados de um projeto de investigação a incidir nas experiências de estudantes de Serviço Social africanos durante a pandemia Covid-19 no Reino Unido. O capítulo utiliza as experiências de três estudantes do sexo feminino em diferentes universidades para explorar de forma crítica as expectativas dos estudantes africanos, assim como discutir as implicações do estudo para criar e manter espaços anti-opressivos e anti-racistas dentro da educação em Serviço Social. Fazendo referência a um

conjunto de estudos relacionados com as experiências de estudantes de Serviço Social africanos em Inglaterra, que revelaram a presença de racismo, microagressão e outras formas mais ou menos explícitas, a investigação levada a cabo durante o período da pandemia Covid-19 em Inglaterra, com uma abordagem narrativa de natureza qualitativa, procurou compreender, a partir da perspetiva dos estudantes, as suas experiências enquanto estudantes de Serviço Social durante este período. A análise, segundo o que a autora define como “perspetiva racial crítica” (p.58) procura dar voz, criando uma consciência acerca das diferenças de tratamento em resultado de identidades sociais minoritárias. Estas diferenças são anteriores à pandemia, no entanto a pandemia Covid-19 manteve ou exacerbou essas experiências. A autora faz algumas recomendações finais, salientando a necessidade de apreensão da Teoria Racial Crítica por parte dos professores, de modo a poderem compreender situações de opressão e racismo. No mesmo sentido, assinala a necessidade de clareza dos procedimentos, a transparência nos argumentos e justificações de modo a evitar mal-entendidos.

Cornelia Lange e Robert Maynard, no capítulo 5, refletem sobre a pressão e as oportunidades para a prática criadas pela pandemia e como é que estas devem ser integradas quando a pandemia Covid-19 desaparecer.

O capítulo 6 explora as experiências de vida de três estudantes finalistas da licenciatura em Serviço Social. O confinamento, a distância social e o retorno ao campus universitário tiveram um impacto considerável na educação no ensino superior. Os estudantes de Serviço Social experimentaram questões mais específicas, devido à natureza da formação. Através de um relato na primeira pessoa a experiência de três estudantes da licenciatura em Serviço Social integrantes do “*BAME groups*”¹. O artigo reflete as experiências de cada estudante, oferecendo uma oportunidade de reflexão pessoal e profissional. Um dos efeitos mais imediatos do confinamento foi a necessidade do ensino online, obrigando à proliferação de plataformas, que obrigaram não apenas à assimilação da tecnologia, mas também novos comportamentos, de modo a que a comunicação seja eficaz. Por outro lado, para os estudantes identificados com necessidades educativas especiais, como a dislexia, o ensino presencial oferece apoio na aprendizagem e na avaliação e com o confinamento a quebra desse apoio causa impacto nos estudantes, valendo o apoio informal dos colegas.

Um dos pontos salientados pelos estudantes foi a plataforma *Padlet*, como espaço de comunicação e partilha, proporcionando a descoberta de talentos e fazendo com que os estudantes tenham um sentido de esperança e humanidade.

1 Anacrónimo para Black, Asian and Minority Ethnic

A perda de rendimentos e o aumento das dificuldades económicas foram um dos constrangimentos que muitas famílias enfrentaram, ao qual se adicionou o desafio das crianças em isolamento com o ensino à distância. Sentimentos como a frustração e o desespero afetaram a saúde mental de muitas pessoas. Por outro lado, as perdas de contactos familiares provocados pela distância social levaram igualmente à necessidade de novas adaptações tendo gerado dificuldades na gestão das emoções.

Nos aspetos positivos, os estudantes identificaram o exercício físico, novos hobbies como a jardinagem e o retorno a interesses anteriormente abandonados

Todas as aprendizagens feitas nesta época de pandemia serão incorporadas na intervenção profissional; a reflexão sobre as vivências pessoais traduz-se em conhecimento profissional, e o desejo dos autores é que seja igualmente um contributo para a educação em Serviço Social.

O capítulo 7 aborda as questões da etnicidade, opressão e exclusão. A autora, Varsha Tailor, descreve como uma mulher com deficiência é afetada pelo confinamento nas suas rotinas e nos mecanismos de suporte. A autora sofre de esclerose múltipla e dá-nos conta do isolamento e stress que o confinamento causou, ao mesmo tempo oferecendo inspiração, esperança e orientação em seguir em frente. Trata-se de um relato apresentado na primeira pessoa, com a objetividade dos factos e os sentimentos que acompanharam essa vivência, numa perspetiva analítica e crítica em que a dimensão individual se cruza com as questões mais estruturais, com fortes contributos para a educação em Serviço Social.

No capítulo 8, o Dr. Ariane Critchley e o Dr. Autumn Roesch-Marsh refletem, numa inspirada discussão, nas formas como os processos criativos como a poesia podem providenciar esperança e um sentido de comunidade. O conhecimento base em Serviço Social é informado pelas artes e pelas ciências (p.110). Na perspetiva de Nissen (2019), as artes foram importantes para o desenvolvimento do Serviço Social, com um papel importante na ação política, na mudança social e no desenvolvimento. Durante a pandemia foi continuado o trabalho de ligar os profissionais, estudantes e académicos com a poesia, como recurso. A partilha foi feita com recurso às plataformas das redes sociais, mas também nas aulas, ajudando a refletir os conteúdos ali apresentados e a partilha das ideias mais importantes: “A poesia é utilizada nas aulas, tutorias e reuniões de modo a provocar a reflexão e a descoberta e partilhada através do email e redes sociais na esperança de que possa ajudar, de alguma forma, com a ansiedade, sobrecarga e preocupação que se está a sentir “(p.112). Salienta-se a poesia como promotora da criatividade, empatia e da imaginação e como suporte da auto-expressão, facilitando a

compreensão da perspetiva do sujeito. A poesia pode constituir um recurso para os assistentes sociais, a nível da prática, ensino e investigação.

No capítulo 9, o Dr. Denise Turner discute a questão da perda e da mudança recolocada pela pandemia Covid-19, tornando a morte e o luto conceitos centrais em Serviço Social. Um dos aspetos a salientar é a necessidade de os assistentes sociais compreenderem culturalmente os diversos rituais do luto, de modo a que o seu apoio seja culturalmente informado. O capítulo advoga que este momento deve ser utilizado para falarmos mais abertamente sobre a morte.

No capítulo 10, Marie Price aborda a supervisão nos cuidados em fim de vida, entendidos como os cuidados a serem prestados no último ano de vida. A pandemia veio desafiar esta definição, na medida em que a necessidade de cuidados em fim de vida tornou-se imediata. A supervisão é aqui entendida como o apoio de modo a que o profissional possa “processar os seus pensamentos e sentimentos” (p.133), sendo prestada por alguém sem responsabilidade direta pela prática do profissional. Para a autora, a supervisão nesta época de confinamento “torna-se ainda mais crítica de modo a assegurar que os assistentes sociais na prestação de cuidados em fim de vida tenham um lugar para dar voz aos desafios deste trabalho assim como às incertezas que o Covid-19 apresentou” (p.141).

Na conclusão é referido que a mudança é irrevogável e nada voltará a ser como anteriormente, mas esta mudança poderá ser um convite para um recomeço, em que o Serviço Social desempenhará um papel importante na criação de esperança e novas oportunidades. As lições da pandemia podem ser usadas positivamente e incorporadas na prática e na educação em Serviço Social, sendo este um desafio para os académicos, profissionais e estudantes de Serviço Social.

Bibliografia:

Garrett, P M (2005) Social Work's 'Electronic Turn': Notes on the Deployment of Information and Communication Technologies in Social Work with Children and Families. *Critical Social Policy*, 25(4): 529–53.

Nissen, L B (2019) *Art and Social Work: History and Collaborative Possibilities for Interdisciplinary Synergy. Research on Social Work Practice*, 29(6): 698–707.

Taylor, A M L (2017) Social Work and Digitalisation: Bridging the Knowledge Gaps. *Social Work Education: The International Journal*, 36(8): 869–79.

Taylor-Beswick, A M L (2019) *Examining the Contribution of Social Work Education to the Digital Professionalism of Students in Readiness to Practice in the Connected Age*. Unpublished doctoral

thesis. [online] Available at: <https://pure.qub.ac.uk/en/publications/examining-the-contribution-of-social-work-education-to-the-digita>

United Nations Children's Fund (UNICEF) (2020) *Protecting Children from Violence in the Time of COVID-19: Disruptions in Prevention and Response Services*. [online] Available at: <https://data.unicef.org/resources/protecting-children-from-violence-in-the-time-of-COVID-19-brochure>

Notas sobre a autora:

Maria João Pena

Doutorada em Serviço Social pelo ISCTE-IUL; mestre em Sociologia pelo ISCTE-IUL e licenciada em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Diretora da licenciatura em Serviço Social do ISCTE-IUL leciona igualmente no mestrado e doutoramento em Serviço Social. Investigadora integrada no CIES (ISCTE-IUL). Assistente social no Instituto de Apoio à Criança entre 1992 e 2017.